

S. Irudaya Rajan e N. Neetha (ed.)

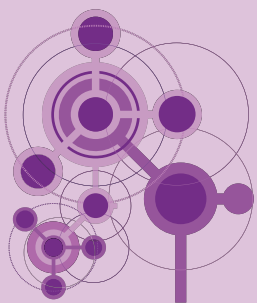
Migration, gender and care economy

Routledge
Abingdon, 2019
205 páginas



Sandra Ruiz Moriana

- Doutoranda na área de Mulheres Migrantes e Mercado de Trabalho Irlandês.
- Mestre em Igualdade de Gênero e Questões Femininas e em Criatividade, Inovação e Liderança pela Universidad Complutense de Madrid.
- Pesquisadora em questões relacionadas a mulheres migrantes, particularmente tráfico humano, participação política e emprego.
- Escreve regularmente sobre essas questões para a mídia nacional espanhola "La Vanguardia".
- Coordenadora do projeto Global Migration Media Academy (GMMA) – International Organization for Migration (IOM-UM).
- Intérprete de língua de sinais espanhola.
- E-mail: : sandra-moriana@hotmail.com



A faca de dois gumes da feminização do mercado de trabalho

The double-edged sword of the feminization of the work market

El arma de dos filos de la feminización del mercado laboral

A publicação de 2019, *Migration, gender and care economy*, faz parte de uma coleção de trabalhos acadêmicos interconectados que examinam o papel das mulheres migrantes no cuidado e na economia global, principalmente como trabalhadoras assalariadas e enfermeiras. Este livro é baseado em estudos de pesquisa qualitativa realizados com mulheres do Sul da Ásia, predominantemente indianas, de várias origens e experiências de vida.

As editoras da obra, S. Irudaya Rajan e N. Neetha, recompilaram em 12 capítulos uma ampla gama de acadêmicas para estimular a mente dos leitores. Ambas as editoras são renomadas no campo da migração, das mulheres e do mercado de trabalho do Sul da Ásia. A professora Irudaya Rajan é acadêmica do Centro de Estudos de Desenvolvimento (CDS), na Índia, e atuou como presidente da Unidade de Pesquisa sobre Migração Internacional (Rium) de 2006 a 2016. A professora Neetha é membro sênior (Professora) e diretora adjunta do Centro para Estudantes de Desenvolvimento da Mulher (CWDS), na Índia.

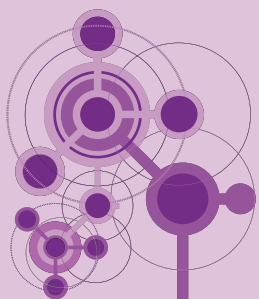
As diferentes publicações apresentam e exploram a dimensão de gênero durante o processo de migração para entender melhor os papéis e experiências das trabalhadoras migrantes ou “mulheres deixadas para trás” (mulheres que permanecem em suas casas enquanto seus maridos migram). Para isso, os 12 capítulos aprofundam a interseção com outros sistemas de opressão e discriminação – sexismo, classismo ou discriminação por idade – que impactam a integração da mulher migrante. No livro, o empoderamento da mulher migrante também é examinado, bem como o impacto da migração em sua vida pessoal e profissional. Elas também exploram como as mulheres migrantes são requeridas para se ajustarem às normas e expectativas culturais, além do planejamento urbano e políticas governamentais dos países de origem e destino.

Um fio condutor que perpassa as pesquisas é a heterogeneidade dos grupos de mulheres migrantes e suas necessidades específicas. Também é levada em consideração a ausência de coleta de dados de mulheres migrantes e o uso desses dados para tornar visível o papel das mulheres durante o processo de migração e das mulheres deixadas para trás.

O livro contém uma grande quantidade de informações importantes e relevantes para serem discutidas; no entanto, escolhi o que considero serem suas principais mensagens, sem pretender simplificar a complexidade e a riqueza dos resultados de cada pesquisa.

SUB-REPRESENTAÇÃO DOS DADOS DE MIGRAÇÃO FEMININA

O ato de trazer o gênero para a posição central nos estudos migratórios é um esforço para remediar muitas décadas de desconsideração do gênero como categoria baseado na conjectura de que as mulheres eram meramente migrantes passivas como esposas, filhas, irmãs ou mães que iam junto como adidas/adjutoras do número da marca migratória. O único critério era quantificar o “sexo” como uma variável. (Pessar, 1988, p.195-215, tradução nossa)



Embora a proporção de mulheres migrantes tenha permanecido elevada durante a última década, as estatísticas não representam a natureza de que a migração está mudando, bem como as condições que ilustram os fatos do papel das mulheres migrantes.

Como resultado, o livro destaca, em várias ocasiões (como nos capítulos 1, 2, 3 e 9), o fracasso dos pesquisadores em analisar de forma abrangente a complexidade e a heterogeneidade do fenômeno migratório feminino. Ele também exige mais pesquisas para explorar profundamente e abordar o impacto das trabalhadoras migrantes como agentes ativos na sociedade e na economia global nos países de origem e destino.

INTERVENÇÕES POLÍTICAS

Os capítulos 1, 3, 10 e 12 advogam a necessidade de que os estados de origem e destino garantam os direitos e a proteção das trabalhadoras migrantes, que atuam no trabalho doméstico e de cuidados remunerado, sem afetar o direito à livre circulação.

A migração para os países do Golfo é um caminho de emprego atraente para as mulheres da Índia, das Filipinas e de outros países vizinhos. Entretanto, ele não garante uma rota segura para elas. Segundo Panchali Ray (2019, p.47, tradução nossa), "regimes de emprego e movimentos trabalhistas se cruzam dentro de uma economia largamente globalizada, patriarcal e capitalista com resultados complexos no contexto da exploração e do barateamento da mão-de-obra".

O livro explora uma restrição feita pelo governo da Índia que visa proporcionar uma migração segura e ordenada para mulheres na categoria "não qualificadas", protegendo-as de serem exploradas e traficadas. No entanto, ele argumenta criticamente que esta imposição estatal polêmica também persuade mulheres jovens e solteiras a procurarem caminhos informais ou ilegais, expondo-as a condições precárias e aumentando suas chances de se tornarem vítimas do tráfico humano. Revela também o contínuo fracasso em abordar o sistema patriarcal que continua a restringir e controlar a mobilidade e a liberdade das mulheres.

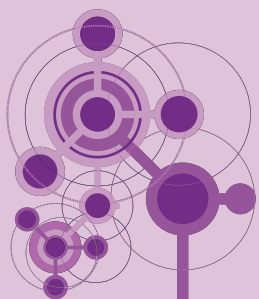
Rimple Mehta (2019, p.160, tradução nossa) apresenta uma análise perspicaz quando destaca, no capítulo 10, que:

Os corpos das mulheres são simbolicamente projetados para representar as fronteiras da nação, bem como os reprodutores da nação. Ironicamente, as mulheres, que são vistas como marcadoras do espaço territorial da nação, também são vistas como propriedade da nação e, portanto, necessitam de defesa e proteção dos filhos patrióticos (Mostov, 1995). Enquanto se espera que os filhos patrióticos protejam suas mães, esposas e filhas, eles podem considerar correto invadir os espaços femininos de outra nação se isso restringir sua soberania de alguma maneira. Esta relação entre as mulheres e a nação é sublinhada pelo perigo da exclusão e pelas pressões para se conformar às culturas e valores nacionais. Elas são vistas como portadoras de valores culturais em virtude de serem as marcadoras, portadoras e reprodutoras da nação.

INTERSECCIONALIDADE, DIVERSIDADE E MERCADO DE TRABALHO

S. Irudaya e K. C. Zachariah (2019, p.87, tradução nossa) afirmam que

A migração não é um fenômeno recente. A Índia há muito tempo testemunha migrações de diferentes formas e em diferentes castas e classes, mas com a mudança do cenário social, cultural e econômico, o quantum e o padrão de migração mostram tendências variadas. A diversidade parece ser o padrão quando se trata de caracterizar a migração com relação à natureza da migração, as razões da migração, a duração da migração e a frequência do retorno ao local de origem.



O livro destaca fortemente a diversidade e variedade do perfil das mulheres migrantes, retratando a heterogeneidade deste grupo e abordando uma das principais lacunas da migração feminina. Ele também defende a adoção de uma abordagem holística para atender às suas necessidades específicas.

A obra explica como a globalização da economia resultou em uma alta demanda de mão-de-obra barata em áreas urbanas e no exterior, e a feminização do setor de cuidados. Como resultado, muitas mulheres têm sido direcionadas a ingressar na força de trabalho de enfermagem e cuidados domésticos com condições precárias e irregulares.

Compartilham-se resultados da pesquisa de campo realizada que revelam a discriminação que as mulheres migrantes sofreram devido a seu estado civil, habilidades linguísticas, casta ou a estigmatização de papéis – entre outras razões. Também ilustra-se que as identidades e reputações das mulheres migrantes foram negativamente afetadas, permeando todos os aspectos da experiência da mulher migrante. Elas são colocadas à sombra do mercado de trabalho e da hierarquia social, com acesso mínimo aos direitos trabalhistas e sociais, perpetuando a pobreza crônica feminina – mesmo quando são altamente instruídas. Por outro lado, também destaca a importância da comunidade da diáspora, que se torna um espaço livre e informal de apoio, ajudando-as a moldar seu futuro.

REFERÊNCIAS

MEHTA, Rimple. Two steps forward, one step backward: a step ahead? *In*: RAJAN, S. Irudaya; NEETHA, N. (ed.). *Migration, gender and care economy*. Abingdon: Routledge, 2019.

MOSTOV, Julie. "Our Womens"/"their womens" symbolic boundaries, territorial markers, and violence in the Balkans. *Peace & Change*, Hoboken, v.20, n.4, p.515-529, 1995.

PESSAR, Patricia R. The constraints on and release of female labor power: the case of the Dominican migration to the United States. *In*: DWYER, Daisy; BRUCE, Judith (ed.). *A home divided: women and income in the Third World*. Stanford: Stanford University Press, 1988. p.195-215.

RAJAN, S. Irudaya; NEETHA, N. (ed.). *Migration, gender and care economy*. Abingdon: Routledge, 2019.

RAJAN, S. Irudaya; ZACHARIAH, K. C. Women left behind: results from Kerala Migration Surveys. *In*: RAJAN, S. Irudaya; NEETHA, N. (ed.). *Migration, gender and care economy*. Abingdon: Routledge, 2019.

RAY, Panchali. Nursing labour, employment regimes, and affective spaces: experiencing migration in the city of Kolkata. *In*: RAJAN, S. Irudaya; NEETHA, N. (ed.). *Migration, gender and care economy*. Abingdon: Routledge, 2019.

Artigo recebido em 14/12/2022 e aprovado em 23/01/2023.